

## **Projeto ComunicaBem**

Silva , andréa – Jornalista Graduada pela Umesp em dezembro de 2004  
(andréa.silva2@uol.com.br)

Coimbra, carolina lemos - Jornalista Graduada pela Umesp em dezembro de 2004  
(krollemos@yahoo.com)

Janini, Clarissa - Jornalista Graduada pela Umesp em dezembro de 2004  
(crajanini@hotmail.com)

Mallart, fábio – Estudante de Jornalismo na Umesp, cumprindo adaptações  
( mallart82@ yahoo.com.br)

Machado, flávia Gil - Jornalista Graduada pela Umesp em dezembro de 2004  
(flaviamachado2@yahoo.com.br)

Camargo, giovana - Jornalista Graduada pela Umesp em dezembro de 2004  
(giovana@rcamargo.com.br)

Namour, roberta - Jornalista Graduada pela Umesp em dezembro de 2004  
([belnamour@hotmail.com](mailto:belnamour@hotmail.com))

Grupo de Trabalho: Comunicação Educativa

### **Resumo**

#### **O que é?**

Oficina de Comunicação em unidades da FEBEM (Fundação do Bem-Estar do Menor), utilizando conceitos de Educomunicação.

#### **Objetivos**

A criação de um veículo de comunicação, desenvolvido por internos da Instituição, deve transcender o caráter pedagógico para tornar-se produção de cultura, possibilitando aos jovens a participação e a criação de um meio de informação e comunicação, para que eles compreendam a realidade, colaborando assim, para a formação de indivíduos capazes de desenvolver uma ação transformadora no meio em que vivem. Para que isso aconteça, o projeto inclui o intercâmbio de experiências entre adolescentes da unidade e jornalistas. Também pode ser incluído como objetivo geral do projeto Comunicabem, a aproximação das áreas da Comunicação e Educação.

#### **Produtos elaborados durante oficina**

Através de oficinas ministradas pelo grupo e palestras lecionadas por profissionais qualificados de diversas áreas (Saúde, Educação, Esporte, Música, Jornalismo etc), o grupo tem como objetivo unir a teoria e a prática do fazer jornalístico para a realização do produto final – primeira edição de um jornal impresso. No entanto, como primeira atividade, os adolescentes produzem veículos alternativos (fanzine, jornal de bolso, etc) que podem ser encarados como uma forma de estabelecer o primeiro contato com os jovens.

## **Duração e Número de Participantes**

04 meses, com 15 adolescentes

### **Projeto ComunicaBem**

A real vontade de transmitir o conhecimento, em conjunto com a necessidade de reincursão social de internos da Febem, resume o significado do projeto ComunicaBem.

O que esses internos gostariam de encontrar nas páginas de um jornal? Como se comportam trabalhando em grupo, sentindo a necessidade de partilhar idéias? Quais os benefícios que a comunicação atribuirá na vida desses jovens? A Educomunicação servirá como instrumento de construção de cidadania deles? Qual o objetivo de vida desses jovens antes de passarem pelas oficinas e depois do produto final produzido?

Essas foram as questões levantadas antes de iniciar de fato o projeto da Febem. A resposta pode ser tão gratificante quanto convidativa para seguir em frente e quebrar barreiras. O que começou por uma só unidade tem agora a pretensão de chegar às outras 77 do Estado, estabelecendo a comunicação entre elas através de um só jornal impresso.

### **Objetivo**

Na formulação do pré-projeto o grupo teve que conceituar a idéia e estabelecer uma linha de pensamento. A intenção sempre foi desenvolver um jornal impresso, feito pelos próprios internos da Febem, através de oficinas ministradas pelos estudantes de jornalismo e por palestras de profissionais qualificados de diversas áreas.

A criação de um veículo de comunicação deve transcender o caráter pedagógico para tornar-se produção de cultura, possibilitando aos jovens a participação e a criação de um meio de informação e comunicação. O grupo pretendeu propor a compreensão da realidade, colaborando assim, para a formação de indivíduos críticos e capazes de desenvolver uma ação transformadora no meio em que vivem.

O objetivo de imediato era unir a teoria e a prática do jornalismo para a realização do produto final. Mas, ao longo da oficina, sentiu-se a necessidade de acrescentar algo no caminho: um jornal mural. A pretensão foi descobrir aptidões dos adolescentes e ao mesmo tempo mostrar a eles a capacidade que tinham através da materialização de suas

idéias logo no primeiro mês de aula. A criação de um jornal impresso visava a construção de uma ponte entre o interesse e a necessidade de se comunicar com novas linguagens, novas formas de expressão e compreensão do meio, aliadas a uma maneira diferente de "olhar" o mundo.

### **Justificativa**

Relevância social. A maior preocupação do projeto ComunicaBem é se tornar um instrumento para resgatar a cidadania através da educação. A criação de um jornal impresso dentro da Instituição ultrapassa o valor didático se tornando um meio de reflexão. O grupo “planta a semente” e acompanha o desenvolvimento. A pretensão é criar um ecossistema comunicacional entre as unidades da Febem a começar pelo Complexo Brás. A publicação oferece um meio eficaz para reivindicação, a percepção do contexto social em que vive e busca da auto-estima.

### **Educação – busca pela liberdade e autonomia**

É praticamente impossível falar de Educação sem falar de Paulo Freire. Para estudantes de jornalismo, o encontro com os livros desse educador/mediador foi o “abrir de mentes” necessário para uma nova visão da prática educacional que inclui, principalmente, a participação. É a prática da liberdade, a prática da autonomia.

No ensaio *Pedagogia do Oprimido* (2003), Paulo Freire observa e “desenlaça” a educação em que vivemos no mundo moderno e ocidental, que conhecemos como uma pedagogia de classes.

Se esta práxis de pedagogia dominante é estabelecida nos métodos educacionais que conhecemos e somos obrigados a viver, por uma série de carências – principalmente no Brasil, que subjuga a educação em suas políticas públicas –, como praticar a liberdade e autonomia? Como encontrá-las nesse ambiente? Para Paulo Freire, o oprimido não pode ser libertado, não pode ser resgatado. É ele quem deve se autoconfigurar responsabilmente, com ciência de que o faz. E é esse o objetivo do ComunicaBem:

fazer pessoas acreditarem que podem se reconfigurar – autoconfigurar – em indivíduos não dominados.

O encontro dos oprimidos com estudantes de comunicação. De estudantes de comunicação com oprimidos: “Aos esfarrapados do mundo e aos que nele se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem mas, sobretudo, com eles lutam” (Freire, 2003, pág 23).

Pois é, o jornal BemComunicado é a palavra, a voz. É uma pequena parte desse enorme poder de transformar o mundo. Com início, quem sabe, no mundo Febem. “Quem, melhor que os oprimidos, se encontrarão preparados para encontrar o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que eles não chegarão ao acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento de lutar por ela” (Freire, 2003, pág 31).

### **Educomunicação – o encontro da cidadania**

É toda ação educativa no espaço comunicativo, ou seja, atua na união entre a comunicação como conceito primordial para a educação. Comunicação interpessoal, grupal, organizacional e massiva, realizada com o objetivo de produzir e desenvolver ecossistemas educacionais. Não se trata do uso didático de conteúdos veiculados pelos diferentes meios, mas sim do processo de análise e produção de materiais de comunicação como instrumentos de ensino e de formação de cidadãos.

De forma geral, podem ser identificadas duas vertentes principais de Educomunicação: *Apropriação dos meios* – consiste em promover uma educação crítica para a mídia por meio da produção de conteúdo. É a utilização de conhecimentos técnicos e teóricos que resultam em atividades como produção de jornais, vídeos etc.

*Leitura crítica* – Processo de análise do material midiático existente, por meio de estudo aprofundado sobre linguagem, conteúdo, edição etc. “Em uma sociedade de informação como a nossa, ao ter contato com os meios de comunicação, qualquer criança ou adulto começa a reagir à sua influência e a criar o seu próprio universo simbólico e suas próprias definições de vida”, diz Ismar de Oliveira, coordenador e pesquisador do

Núcleo de Estudos de Comunicação e Educação da USP e um dos formuladores da teoria da Educomunicação.

O Comunica Bem é o exemplo desse novo campo de intervenção social não apenas formal. Como uma peça para ajudar na educação, na formação de cidadãos. É uma troca, um aprendizado constante, entre alunos e professores, educadores e educandos, produtores e receptores, na difícil, mas não impossível busca pela cidadania.

## **O trabalho**

As aulas começaram no dia 1º de julho e foram até 18 de outubro, aconteciam duas vezes por semana, sempre às segunda e quintas-feiras, por 4 horas semanais, das 8h às 10h. Ao total foram 30 aulas, contando dois dias que não houve aula, devido aos feriados.

## **As aulas**

Os conteúdos das aulas eram definidos durante as reuniões de quarta-feira, em que se discutiam definições e críticas a respeito do andamento do projeto. Além disso, o grupo decidia temas e conteúdos das próximas aulas, como eles deveriam ser expostos, quem ficaria responsável por dar esta aula, quem prepararia o conteúdo, como ele deveria ser estruturado, como o grupo iria exemplificar, se através de um filme ou de um teatrinho ou exemplos práticos de experiências vividas pelos integrantes. Discutíamos também os próximos entrevistados, quem era interessante comparecer ao projeto e o porquê. Um dos integrantes ficava responsável por agendar a entrevista, preparar uma pauta sobre o entrevistado e distribuí-la para os internos no dia da entrevista.

Para atender uma exigência da Febem, tudo que ia ser feito em sala de aula deveria ser passado, com uma semana de antecedência, para a analista técnica da Febem, Aparecida, que acompanhou todas as nossas aulas. O grupo passava para o computador, em tópicos, o conteúdo da aula, o porquê do tema ou do entrevistado e que material ia ser usado. Quando agendávamos algum entrevistado era necessário um perfil do mesmo para análise da técnica e da diretora da unidade aprovarem ou não. Diante do OK, ainda

era necessário enviar o nome completo e RG da pessoa para que pudessem ser liberados na portaria do complexo Brás. Não só os entrevistados, mas todo equipamento ou material que o grupo levava era necessário uma descrição do mesmo e aprovação da analista.

A parte teórica das aulas era desenvolvida da seguinte forma: linguagem clara e simples, pouco extensa, em tópicos, exemplificada e de preferência, resumida por escrito, em uma lauda. Depois de elaborada a parte teórica, isso era passado para os internos de forma objetiva e clara, não ficamos somente lendo o conteúdo do papel, mas sim falando com o nosso jeito e dando exemplos práticos, visando tornar a aula atraente e despertar o interessante por parte dos internos. Ao final da aula, a parte teórica era guardada na pasta de cada um dos internos, para que posteriormente eles pudessem recordar e formar no final do curso, uma apostila com todos os conceitos apresentados na oficina.

### **Os conteúdos**

Algumas das técnicas textuais lecionadas:

Matéria: Para a produção de matérias “quentes” foi ensinada a construção do Lead, que responde às perguntas primordiais do fato ocorrido (quem, o quê, quando, como e onde). Para facilitar a memorização dos jovens preparamos um cartaz com o desenho com a “Pirâmide Invertida”, explicando que os dados mais importantes devem vir no começo da matéria e os detalhes devem ser colocados ao longo do texto. Pode-se constatar esse uso no jornal em matérias como a do rapper “Sombra”, um dos principais entrevistados.

Artigo/Crônica: Como em todas as aulas, o grupo distribuiu para cada um deles uma folha de conteúdo teórico contendo explicações. Nesse caso, sobre a construção de um artigo, sua posição sobre determinado tema e os argumentos que devem ser expostos a fim de se convencer o leitor. Mostramos também algumas colunas de jornais e revistas para exemplificar o conteúdo da aula. Como exercício, alguns temas foram propostos para que eles desenvolvessem o aprendizado na prática. Pudemos notar que, em alguns casos, os garotos foram além e produziram não apenas simples artigos, mas textos mais

reflexivos e narrativos que pudemos classificar como crônicas. Por isso também explicamos e discutimos na aula seguinte sobre essa modalidade jornalística.

Olho, Intertítulo, Linha Fina e Legenda: O grupo reservou uma aula específica para a explicação de algumas técnicas que enriquecem e tornam mais convidativo o texto. Novamente, uma folha com a parte teórica foi distribuída aos internos para guardarem em suas respectivas pastas. Foram levadas algumas matérias de jornais e revistas para ilustrar seu uso. Depois, como exercício, distribuimos xerox de reportagens com título, linha Fina, olho, legenda e intertítulo apagados para que eles sugerissem idéias para os mesmos. A maioria dos textos que vão para o jornal está dotada destes recursos.

Descrição: Para a produção de matérias como “Dia de Visita”, em que os rapazes descrevem suas impressões pessoais sobre os dias em que recebem a família na Febem, foi necessária uma aula específica sobre esse tema. O exercício consistia na descrição da música “A Banda”, de Chico Buarque, e de fotos do livro “Êxodo”, de Sebastião Salgado, fazendo com que eles tentassem extrair ao máximo todos os detalhes possíveis.

Crítica: Apesar de não ter sido usada para a produção do jornal, o grupo achou importante que eles desenvolvessem espírito crítico sobre filmes, programas de televisão, matérias em jornais, revistas, etc. É algo que se reflete no em nosso próprio jornal, que, com isso, as opiniões se tornam mais claras e aguçadas. Para isso, além da folha com explicação teórica eles também assistiram ao filme “O show de Truman”, que trata justamente de como a mídia pode controlar a vida de uma pessoa, e depois criamos um debate em roda.

Funções de cada profissional numa redação: Para passar o conteúdo desta aula o grupo fez um teatro simulando a redação de um jornal. Cada integrante do grupo tinha uma função neste jornal e deveria criar a cara para este personagem. De uma forma descontraída os conceitos foram passados.

Pauta: O grupo levou um modelo e explicou para que serve, como deve ser feita e por quem. Foi uma aula mais teórica e explicativa, que não teve produção prática, pois os internos não possuem um computador para fazer pesquisa sobre o tema da pauta. Por isso, as mesmas sempre eram produzidas pelo ComunicaBem.

Fotografia: O grupo optou por um bate-papo com um fotógrafo profissional e professor de Fotojornalismo da PUC, Marco Aurélio Olímpo. Além de dar uma aula sobre

fotografia, em que falou sobre: a importância da foto no Jornalismo, técnicas de fotografia e enquadramento, o fotógrafo respondeu perguntas e curiosidades sobre sua vida e trabalho. Ao final da aula um grupo de internos ficou responsável por escrever uma matéria sobre a visita do fotógrafo que posteriormente virou conteúdo do jornal mural.

### **A sala de aula**

O grupo optou por não utilizar a sala de aula de forma convencional, em que os alunos sentam-se em fileiras e o professor fica à sua frente. Em todos os nossos encontros dispusemos as cadeiras em roda, para que pudéssemos nos olhar sob o mesmo ângulo, já que lá dentro todos éramos alunos e professores, que aprendiam, ensinavam e construíam o conhecimento. Para substituir a lousa, o grupo decidiu preparar uma pequena apostila com o conteúdo teórico das aulas. A cada encontro levávamos um roteiro para auxiliá-los durante a explicação. O objetivo era fazer um jornal impresso, e para isso era necessário adequar a forma de escrever dos internos para uma linguagem jornalística, por isso o desenvolvimento de aulas teóricas e práticas para criar e desenvolver esta linguagem específica.

### **Convidados**

A impossibilidade de locomoção dos internos e do uso de recursos (telefone ou Internet) para a realização de entrevistas apenas dificultava o fácil acesso às fontes, mas não impedia que os adolescentes fizessem as matérias. O grupo estava decidido que, caso necessário, buscaria ou pagaria o transporte dos entrevistados. Alguns selecionados puderam comparecer à Febem e trouxeram na bagagem uma série de idéias e conhecimentos que passaram a fazer parte das palavras que compõem o jornal e, principalmente, da rotina dos internos. Quando a porta do auditório da divisão técnica Brás se abria, cabeças e olhos ansiosos e curiosos pareciam disputar o espaço da sala. No papel amassado, perguntas feitas a lápis. Cada um esperava a chance de fazer parte da coletiva.

O espaço do jornal, infelizmente, tornava inviável a publicação de todas as matérias. Aos internos e ao grupo ficou reservado a difícil tarefa de optar pelos textos que estavam melhor escritos. Dia após dia, ficava mais intenso o sentimento de que o jornal Bem Comunicado estava construindo suas partes. Dia após dia, a união tornou real o que estava apenas nas linhas de um projeto.

Os convidados foram:

Sombra (rapper e ex-integrante do grupo “SNJ”): A cultura Hip Hop é deveras apreciada no meio dos internos, motivo que levou o grupo a procurar alguém que “falasse a língua deles”. A presença desse convidado foi extremamente construtiva e proveitosa. O grupo a caracteriza como uma “ponte” entre os internos e sua realidade. O rapper é uma figura comum e respeitada nas comunidades. Cantam o cotidiano e expressam, através de suas letras, as verdades maquiadas por uma sociedade frustada e infeliz.

Zeção (grafiteiro): Boné, bermuda, camiseta, colar de prata, piercing e tatoo. Esse era Zeção, o convidado que falaria sobre uma arte não muito aceita nos arredores dos edifícios e muros de tamanhos monstruosos: o Grafite. Mas afinal o que é grafite ? A pura arte de gritar ao mundo o que está guardado na sua mente ? Segundo Zeção o grafite deve ser respeitado como qualquer outra obra de arte. Nesse mundo não basta apenas “pichar” por diversão, tudo tem um significado. E assim começou a explicação teórica e histórica da arte que roda aos quatro ventos do mundo. Explicar como foi a reação dos internos ? Talvez algumas palavras descrevam esse momento: olhos paralisados no tempo.

Raul Barreto (ator do grupo “Parlapatões”): Quem disse que a alegria cura tudo deveria ser considerado um sábio. Sua aparição, mesmo que por poucos minutos, pode transformar rostos acostumados com a rotina do dia a dia em gargalhadas que pareciam grudar na boca dos internos. Raul Barreto foi o convidado que levou no bolso inúmeros sorrisos e na boca palavras que, por mais simples e corriqueiras, enchiam a sala de felicidade. Sua apresentação foi completa: uma mistura de circo com teatro. E sua personalidade digna de muitos aplausos.

Luciana Garbin (jornalista): O grupo acreditava ser fundamental a presença de um jornalista profissional no Bem Comunicado. A jornalista Luciana Garbin, do jornal O

Estado de São Paulo, a princípio, parecia ser uma boa indicação, pois levaria para a sala a sensação de contar como é a rotina e quais são as experiências que um jornalista enfrenta na carreira. Infelizmente sua presença não foi enriquecedora, mas sim, uma aula sobre como NÃO deve se portar um jornalista que sabe o porquê foi convidado. Garbim transformou sua passagem na Febem em fonte para o seu livro. A jornalista fez perguntas para os internos acarretando no descontentamento e desinteresse dos mesmos.

Mariana Farcetta (artista plástica e arte-educadora): Os integrantes do grupo convidaram a artista para transmitir noções de artes plásticas para os internos. A convidada interagiu com os adolescentes fazendo com que os mesmos expressassem suas idéias através da pintura. Uma aula leve e descontraída.

Carlos Alberto Barros (educador e ilustrador): O grupo optou trazer um ilustrador para auxiliar na criação de um quadrinho. A atuação do convidado foi de extrema utilidade pois colaborou com dicas que ajudaram os internos responsáveis por produzir a arte do jornal.

Soren Niewelt (bailarino): Natural da Alemanha, Soren foi um convidado que trouxe o conhecimento sobre a arte de dançar e, principalmente, quebrou certos preconceitos que a sociedade designa para essa profissão. Os internos praticaram expressão corporal e mostraram-se interessados na carreira do convidado. Uma aula divertida e interessante.

Marco Aurélio Olimpo (fotógrafo): O grupo fez questão da presença de um fotógrafo profissional, afinal seria de extrema importância suas explicações para os internos. O convidado mostrou-se muito à vontade na Febem, tratou os adolescentes com atenção, profissionalismo e carinho. Como resposta à euforia e milhões de perguntas foram direcionados para Marco Aurélio.

Todos os convidados que fizeram parte, direta ou indiretamente, do projeto ComunicaBem marcaram sua presença na vida dos internos. O grupo analisou a atuação de todos os profissionais podendo afirmar de maneira coerente e crítica a participação e possível retorno dos mesmos. O ComunicaBem desenvolveu, ao longo dos quatro meses, uma visão positiva sobre a necessidade da realização de entrevistas antes da participação do convidado no projeto.

## **Mural Livre**

O Mural Livre pode ser encarado como uma forma de estabelecer o primeiro contato com pessoas que até então eram desconhecidas. Optamos por produzir um mural porque é um veículo de comunicação simples, colorido, com textos curtos e, portanto, muito mais fácil de ser elaborado do que um jornal impresso, além de ser mais atraente em um primeiro momento.

A escolha do mural como primeira atividade também pode ser explicada porque o grupo achou que esse veículo de comunicação seria um primeiro exercício e facilitaria a compreensão de técnicas jornalísticas simples, como descrição, elaboração de notas e produção de uma simples reportagem. Além disso, o mural iria despertar a curiosidade e o interesse de 140 “meninos” que também cumprem a chamada medida sócio – educativa na UI 35 (Unidade de Internação 35 do Complexo Brás). O Comunica Bem contava com a presença de 15 internos para desenvolver o mural nesse semestre. Colocando-o na parede, o grupo deixou claro que, em 2005, pretende contar com a presença de outros integrantes para elaborar um novo mural.

### **Produção do Mural**

No segundo dia de aula o grupo Comunica Bem já se preocupava com a produção do mural, que ainda não tinha nome. Começamos a trabalhar perfil com os internos, ou seja, naquele dia eles nos entrevistaram e produziram um pequeno texto sobre cada um de nós. Isso fez com que os adolescentes perdessem um pouco da vergonha e estabelecessem o primeiro contato com o lápis e o papel. Paralelamente aos textos do mural, os internos começaram a tirar fotografias, a máquina despertava o interesse de todos na sala de aula. Textos e fotografias eram corrigidos, votados e discutidos por todo o grupo. A partir daí percebemos que o caminho era realmente esse, produzir, errar, discutir e corrigir em grupo. Assim criamos uma linha de produção para o mural. Votação! Mural da Paz, Conclusivo, Agita Bem, entre outras sugestões. Aos poucos fomos escolhendo o nome, votando. O nome não poderia ser outro. A escolha foi perfeita se pensarmos o que os “meninos” mais querem da vida: serem livres. Já sabíamos o nome do nosso veículo de comunicação: MURAL LIVRE.

Depois de votarmos o nome do mural, o grupo decidiu que os internos teriam que entrevistar alguém que trabalhasse na Febem. Afinal de contas, eles já haviam nos entrevistado, mas como reagiriam ao fazer perguntas para outra pessoa? Conversamos com eles e explicamos como seria o exercício. O escolhido foi o professor de violão que ministra aulas na Fundação. Os internos fizeram algumas perguntas, anotaram e tiraram fotografias.

Um dia depois de realizarmos esse exercício, a Flávia ligou para todos os integrantes do Comunica Bem e contou um fato gratificante. Os internos receberam a visita de Cleonder Evangelista, ex-interno da Febem que produziu um livro. Por iniciativa própria, os adolescentes entrevistaram o ilustre visitante, colocando em prática o que tinham acabado de aprender com a entrevista do professor de violão.

Além do nome, que já havia sido escolhido, começamos a votar conteúdos para o Mural Livre. Juntamente com os internos, selecionamos três perfis que haviam sido produzidos por eles no segundo dia de aula. Após os mais votados serem escolhidos, corrigimos erros gramaticais, de concordância e pontuação. Sempre com a participação e opinião de nossos parceiros.

Na semana seguinte, recebemos a visita de Marco Aurélio Olímpo, fotógrafo profissional e professor da PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). Olímpo foi o primeiro entrevistado a visitar a oficina. Ele respondeu as perguntas dos internos, que ao mesmo tempo tiraram fotografias. Nesse dia, após o exercício, o Fábio ouviu: “Quero fazer uma faculdade de Jornalismo”, disse o Francis. Isso deixou claro que a oficina começava a despertar o interesse dos “moleques”.

Após três semanas de convívio, começamos a nos preocupar com a produção de outros textos para o mural. Os adolescentes se dividiram e cada grupo ficou responsável por produzir um conteúdo. Editorial, reportagem, sobre o fotógrafo Olímpo, poesia, etc. Todos contribuíram com a sua parte e demonstraram responsabilidade, respeitando prazos e propondo sugestões. Depois de duas semanas, os textos estavam prontos, editados e corrigidos. Era a hora de diagramar o conteúdo e transformar o sonho em realidade.

## **O Jornal Bem Comunicado**

Produto final do trabalho do grupo, a primeira edição do jornal impresso “Bem Comunicado” seguiu-se baseada nos princípios da Educomunicação. Após a leitura de diversas obras e o contato direto com educadores de renome o grupo pôde aplicar a prática neste projeto que visa não apenas o produto, mas principalmente o desenvolvimento de um canal comunicativo e a re-inserção social dos participantes.

O objetivo primordial do jornal é a criação de uma inter-comunicação entre internos, ou seja, uma forma de expressão feita por eles e para eles. Os jovens são os responsáveis primários pela produção de todo o conteúdo do veículo, o que faz com que o jornal se torne interessante a todos os adolescentes que vivenciam essa mesma situação. Para isso basear-se nos moldes da Educomunicação é fundamental, pois só assim os mesmos têm a liberdade da escolha e da opinião que tanto lhes é carente numa instituição de reabilitação à sociedade.

Como o grupo pretende estender o projeto a mais unidades da Febem e que haja a distribuição do produto a todos os complexos no estado de São Paulo, é imprescindível que exista familiaridade, aceitação e prazer na leitura do jornal. Por isso é tão fundamental que os próprios internos sejam a voz ativa em todo o processo.

### **Produção do Jornal**

O grupo escolheu o formato tablóide para o jornal, vista a facilidade e simplicidade no manuseio, com tamanho padrão – 27,5 cm x 30 cm. São quatro páginas de conteúdo diverso (como matérias, fotografia, quadrinhos, desenhos, entre outros) em papel jornal. A tiragem prevista é de 10 mil exemplares, que serão distribuídos a todos os complexos da Febem no estado de São Paulo. Foi decidido pelo jornal inteiramente colorido (4x4), uma vez que fotos, desenhos e quadrinhos têm grande peso no “Bem Comunicado”.

Pelo fato de o projeto se basear em princípios educacionais, as editorias e seus respectivos nomes foram eleitos pelos internos, com nosso devido monitoramento. De acordo com o interesse dos jovens, selecionamos alguns convidados para comparecerem à unidade Brás com a finalidade de serem entrevistados pelos mesmos. Também houve a cobertura de eventos e projetos dentro da própria unidade, com prévia orientação. As pautas foram produzidas pelo grupo, já que os garotos não tinham acesso aos recursos

necessários para que se houvesse uma boa pesquisa – internet, telefone, revistas, jornais, etc.

Como em todo jornal, artigos, crônicas e um editorial também foram produzidos, após as oficinas explicativas das técnicas de produção de texto e exercícios para treino.

A distribuição das funções para a produção do jornal ocorreu de forma bastante democrática. Foi pedido a cada um dos rapazes que escolhesse as duas primeiras opções entre os cargos de: repórter, fotógrafo/arte e editor. Após a escolha de todos, o grupo se reuniu para decidir que função seria de determinado garoto – já que a maioria deles escolheu como primeira opção fotógrafo/arte, e quase não havia voluntários para a reportagem. A escolha dos editores foi um pouco mais difícil, pois, sendo um cargo de muita responsabilidade, eram necessárias duas pessoas que se destacassem e que correspondessem às nossas expectativas. E depois de muito pensar, o grupo conseguiu, enfim, chegar a um resultado bastante satisfatório: Edson, um garoto problemático e de difícil entrosamento com os outros, mas inteligente e atento e Thiago, que havia entrado mais tarde na oficina, um rapaz muito esperto e bastante antenado com as coisas do mundo de fora.

Mesmo após as escolhas, foi possível que houvesse o revezamento das funções – um repórter tirando fotos, um dos editores escrevendo, etc. Isso foi de extrema importância para que todos provassem todas as funções de uma redação, o que facilitou o aprendizado e destacou as preferências e habilidades de cada indivíduo.

A diagramação do jornal também teve influência direta dos menores. Durante uma das aulas houve a produção de um espelho com papel e lápis, com o objetivo de se obter uma visualização geral de como será o “Bem Comunicado”. Foram desenhadas na folha de papel as possíveis disposições das matérias e fotos juntamente aos garotos, que opinaram e deram sugestões para a melhor visualização do jornal. Até chegar-se a um consenso, cerca de três espelhos foram produzidos.

A diagramação final, feita no computador, foi de responsabilidade do grupo, com a ajuda de um profissional da área.

## **Considerações Finais**

Crescimento pessoal, senso crítico, autonomia. Essas foram algumas das características que o grupo pôde notar durante a evolução dos rapazes na oficina. Se no começo eles eram esquivos, reticentes e desconfiados, com o tempo foram se tornando mais receptivos e autoconfiantes.

Após toda a experiência passada na Febem é possível avaliar o projeto como extremamente positivo, tanto para os internos quanto para o grupo. Para eles, o ganho maior foi em conhecimento e na descoberta da autonomia, de sua importância para a sociedade em que vivem – tanto no mundo de reclusão quanto no “mundão” cheio de carências de cada garoto.

No início, todos pareciam “ter um pé atrás” com a oficina e entre eles próprios. Muitos duvidavam da proposta de sete jovens, que vindos de uma universidade particular, pudessem construir algum resultado significativo. Aos poucos, durante as aulas, as barreiras da inibição e da desconfiança foram sendo quebradas.

O grupo sempre esteve muito à vontade na companhia dos meninos, e nunca houve a formalidade de uma aula comum. Com isso eles perceberam que a intenção do projeto era a de ajudá-los, através do jornalismo, a conscientizar-se que quaisquer pessoas de classes sociais diferentes, formações e objetivos distintos, não são tão estranhas entre si, são cidadãos e responsáveis pelo mesmo mundo.

A entrega do mural às mãos dos meninos derrubou qualquer resistência existente entre todos: o Mural Livre foi a prova de que tudo o que estava sendo lecionado e aprendido era concreto, e de que só com a união de todos os participantes aquilo foi possível.

O resultado final foi melhor que o esperado: a relação cresceu e se solidificou, o que refletiu em uma grande dificuldade em separar-se o trabalho da amizade. Talvez essa seja uma das grandes lições para o futuro do ComunicaBem: saber controlar o apego às pessoas com quem se está lidando.

Na visão do grupo, o engrandecimento e a satisfação pessoal foram os principais resultados de todo o projeto. O início do trabalho foi marcado com muitas dúvidas e ansiedade sobre o que viria pela frente. Agora o sentimento que prevalece é a saudade de trabalhar com os garotos e a consciência de que o projeto deu certo e continuará num futuro bem próximo.

**\* os nomes dos internos aqui citados são fictícios para assegurar as medidas do ECA.**

**Referências Bibliográficas:**

ACCIOLI, Socorro. **A prática da Educomunicação na Fundação Casa Grande.** [www.educomradio.com.br](http://www.educomradio.com.br). 10 de setembro de 2004.

FREINET, Célestin. **Para uma Escola do Povo.** São Paulo: Martins Fontes, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

FUNDAÇÃO BEM ESTAR DO MENOR. [www.febem.sp.gov.br](http://www.febem.sp.gov.br). 5 de julho de 2004.

GRACINI, S., Maria Estela. **Pedagogia Social de Rua.** São Paulo: Cortez, 2001.

LIMA, Graça Lopes. **Comunicação e Educação – a atualidade do tema.** [www.educomradio.com.br](http://www.educomradio.com.br) 15 de setembro de 2004.

OSHO. **A Semente de Mostarda.** São Paulo: Ícone, 1990.

KAPLUN, Mario. O'Sullivan, Ryan. **Communication and Society: “Communication methods to promote grass-roots participations”.** UNESCO, 197?

KUCINSKI, Bernardo. **Mídia da Exclusão. In Síndrome da antena parabólica.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998.

SOARES, Ismar de Oliveira. **O Perfil do Educomunicador.** [www.educomradio.com.br](http://www.educomradio.com.br). 09 de agosto de 2004.

\_\_\_\_\_ . **Uma Edcomunicação para Cidadania** .  
[www.educomradio.com.br](http://www.educomradio.com.br). 17 de agosto de 2004.